

JAMB

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA - DESDE 1952

A LUTA DOS MÉDICOS CONTRA A COVID



FEVEREIRO • 2021 • ED. 1416 | ISSN 0004-5233



Nova diretoria: posse e muito trabalho



DIRETORIA – Gestão 2021 – 2023

PRESIDENTE

César Eduardo Fernandes (SP)

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Luciana Rodrigues Silva (BA)

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE

Jurandir Marcondes Ribas Filho (PR)

VICE-PRESIDENTES REGIONAIS

César de Araújo Galvão – Centro-Oeste (DF)

Agnaldo Lopes da Silva Filho – Sudeste (MG)

Mariane Cordeiro Alves Franco – Norte (PA)

Roque Salvador Andrade e Silva – Nordeste (BA)

Oscar Pereira Dutra – Sul (RS)

SECRETÁRIO-GERAL

Antônio José Gonçalves (SP)

1ª SECRETÁRIA

Maria Rita de Souza Mesquita (SP)

1º TESOUREIRO

Akira Ishida (SP)

2º TESOUREIRO

Fernando Sabia Tallo (SP)

DIRETORA CULTURAL

Rachel Guerra de Castro (MG)

DIRETOR DE DEFESA PROFISSIONAL

José Fernando Macedo (PR)

DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Carlos Vicente Serrano (SP)

DIRETOR CIENTÍFICO

José Eduardo Lutaif Dolci (SP)

DIRETOR ACADÊMICO

Clóvis Francisco Constantino (SP)

DIRETOR DE ATENDIMENTO AO ASSOCIADO

Carlos Alberto Gomes dos Santos (ES)

DIRETOR DE ASSUNTOS PARLAMENTARES

Luciano Gonçalves de Souza Carvalho (DF)

SEDE

Rua São Carlos do Pinhal, 324

01333-903 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3178-6800

E-mail: jamb@amb.org.br

www.amb.org.br

JAMB

PRODUÇÃO JAMB

REPORTAGENS, EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Acontece Comunicação e Notícias

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Chico Damaso - MTB 17.358

Edição fechada em 20 de março e atualizada em 10 de abril.

ÍNDICE

EDIÇÃO 1416 / 2021

EDITORIAL	3
MULHER: NENHUM DIREITO A MENOS	4
MÉDICOS DE MANAUS COM A PALAVRA	7
FORÇA-TAREFA AMB	15
PESQUISA ANTECIPA COLAPSO COM A COVID	20
REFORMA TRIBUTÁRIA	26
POSSE, UMA NOVA AMB	32
ENTREVISTA CÉSAR EDUARDO FERNANDES	38
RAMB TEM NOVO EDITOR	48
PÍLULAS	52
COMITÊ EXTRAORDINÁRIO DE MONITORAMENTO COVID-19	57
DEFESA PROFISSIONAL	58
ENCONTROS DE REGIONAIS	62
ENCONTROS DE ESPECIALIDADES	64



César Eduardo Fernandes
Presidente da Associação
Médica Brasileira - AMB

O QUE ESPERAR DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

“O PERFIL IDEAL A UM

bom ministro da Saúde, seja quem for, agora ou em qualquer momento, é pautado obrigatoriamente nos bons ditames da ciência e nos conhecimentos vigentes. Ele precisa empreender a gestão pública, tendo como norte o bem-estar e a saúde da população.

Quanto ao enfrentamento da pandemia, esperamos que embase as suas decisões em linha com conhecimentos atualmente vigentes e propostos pelas sociedades de especialidade nacionais e internacionais que se dedicam à elaboração de diretrizes e recomendações sobre esse nefasto problema.

Um ministro competente tem de construir uma equipe de técnicos de alto nível, para que monitore e faça a leitura correta do cenário, independentemente de qualquer influência política ou ideológica. A prioridade, repito, é o bem-estar da população.

Também deve empreender todos os esforços para vacinar toda a nossa população, em tempo mais rápido possível, uma vez que estamos atrasados. Precisamos de um ministro que reconheça a importância das medidas preventivas defendidas por todas as entidades médicas nacionais e internacionais.

É preciso orientar com todas as letras, sem qualquer subterfúgio: ‘Pratiquem o isolamento social. Usem máscaras. Evitem aglomerações. Faça a higiene das mãos constantemente com água, sabão e álcool em gel. Vamos rastrear todos os contactantes.’.

É essencial estar em sintonia com o que as sociedades de especialidades, a Associação Médica Brasileira e suas federadas preconizam. Enfim, ouvir a voz dos médicos.

Aproveitamos, por oportuno, para desejar ao novo ministro da Saúde, o dr. Marcelo Queiroga, sucesso nesta pasta importante para o Brasil e para todos nós, brasileiros.”



4

NENHUM DIREITO A MENOS

MULHER MÉDICA, AGORA, TEM CANAL EXCLUSIVO DE DENÚNCIA

A Associação Médica Brasileira saúda todas as mulheres do País e do mundo pelo dia de hoje, por amanhã, por ontem, por sempre, e as cumprimenta em especial pelo Dia Internacional da Mulher deste ano, destacado em 8 de março.

Em todo o planeta, a data chama à reflexão quanto à dívida histórica que a sociedade ainda possui com a mulher e quanto à imperiosidade de se combater sistematicamente a violência contra elas, seja em qual contexto for e de que tipo for.

8 de março também...
parabéns



Neste primeiro ano da Nova AMB, que completou dois meses exatamente no 8 de março, deu-se um passo relevante para fortalecer as posições das associadas e das demais médicas do Brasil por seus direitos fundamentais. Já está no ar uma plataforma exclusiva e permanente para registro de qualquer espécie de violência sofrida pelas profissionais da Medicina.

Desrespeitos sexistas, racistas ou ofensas de qualquer natureza, critérios de remuneração e contratação discriminatórios, violência física, psicológica, digital - entre outras formas de truculência - podem ser denunciados sigilosamente no portal da AMB, no link amb.org.br/mulheresmedicas.

Todas as queixas recebidas serão analisadas com brevidade. Após contato com a autora, haverá encaminhamento de consenso às autoridades responsáveis e acompanhamento do processo.

CENÁRIO BRASIL

Os homens ainda formam maioria entre os profissionais de Medicina em atividade no País, mas a divisão se aproxima do meio a meio. Segundo o estudo *Demografia Médica 2020*, do Conselho Federal de Medicina (CFM), as médicas já são 46,6% e seguem crescendo em proporção. Aliás, em anos recentes, elas já tomaram a dianteira nas graduações ano a ano.

DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO

Dados fornecidos pela quarta edição do *Demografia Médica (2018)* confirmam que gênero, lamentavelmente, é fator de desigualdade salarial na Medicina. Ainda distante do topo da pirâmide salarial, as médicas aparecem com salários menores do que os médicos: oito em cada dez ocupam as três classes de renda inferiores, enquanto

A ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, NA ATUAL GESTÃO, APRESENTA O MAIOR NÚMERO DE DIRETORAS DOS SEUS 70 ANOS.

51% dos homens encontram-se nas três faixas mais elevadas de rendimentos.

VIOLÊNCIA

Em pesquisa do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (2018), realizada com 6.832 médicos, 7 em cada 10 entrevistados relatam ter sofrido algum tipo de violência. Não há dado específico sobre as médicas, mas o problema é recorrente para esses profissionais, sejam homens ou mulheres.



6

ELAS NA AMB

A Associação Médica Brasileira, na atual gestão, apresenta o maior número de diretoras em seus 70 anos. São quatro: a primeira vice-presidente, Luciana Rodrigues Silva (1), a primeira secretária, Maria Rita de Souza Mesquita (3), a vice-presidente da Região Norte, Mariane Cordeiro Alves Franco (4), e a diretora Cultural, Rachel Guerra de Castro (2).

Elas têm coordenado um grupo de mulheres médicas que levanta demandas, detecta problemas em todas as regiões e colhe subsídios para uma plataforma específica em defesa da médica do Brasil.





MANAUS

CAOS E DRAMA NO DIA A DIA DO COMBATE A COVID-19

40 pacientes para um único médico, fila de espera por leitos de UTI e venda de carros em troca de cilindros de oxigênio. Realidade chocante ainda hoje no Amazonas



IAMENDES TENÓRIO BATISTA

Estudante de Medicina



FERNANDO SABIÁ TALLO

Especialista em clínica médica

8

Prestes a se graduar em Medicina pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Iamendes Tenório Batista garante que jamais esquecerá as cenas trágicas que vivenciou nesses primeiros meses de 2021.

Em meados de janeiro, por exemplo, ao chegar ao Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto para transferência rotineira de paciente, ele se deparou com um clima de caos que nunca vira: ruas próximas apinhadas de policiais, de profissionais da imprensa, além de dezenas de familiares desesperados, enquanto, lá dentro, doentes sufocavam em corredores e seus acompanhantes corriam de um lado para o outro, clamando por socorro.

Iamendes recorda que, ao concluir a transferência do paciente e pegar o caminho de volta, rumo à rua, teve mais uma série de experiências traumáticas. Sucediavam-se pedidos desesperados de “Por favor, salve meu pai!”, “Por favor, salve minha tia!”, entre desmaios e crises do choro.

Tudo se deu em um dos momentos quando o Estado do Amazonas apresentou picos de casos de COVID-19. Em consequência, a demanda por oxigênio mais que dobrou e faltaram cilindros suficientes para atender a todos os pacientes – não só as vítimas da pandemia, como também a recém-nascidos prematuros e casos pós-cirúrgicos. Assim começava o ano por lá em crise anunciada que só foi se agravando.



Chegada dos equipamentos e montagem do hospital de campanha do exército

PARENTES EM TENTATIVAS EXASPERADAS VENDENDO CARROS, TELEVISÕES E OUTROS BENS PARA ADQUIRIR O OXIGÊNIO NECESSÁRIO À SOBREVIVÊNCIA DE ENTES QUERIDOS. DESESPERO GERAL

NORTE EM RISCO

“Ninguém esperava que a ‘segunda onda’ chegasse de maneira tão virulenta. O Amazonas, como um todo e em especial a capital, Manaus, enfrentam, desde o início do ano, uma situação infinitamente mais complicada do que em 2020. Acredito que estado brasileiro algum teria lastro para responder adequadamente ao que acontece por lá e agora e estende pela região Norte, aba-

tendo Rondônia, Roraima, Acre”, assevera Fernando Sabiá Tallo, coordenador da Força-tarefa AMB COVID-19 (veja reportagem especial nessa edição do JAMB), especialista em clínica médica e tesoureiro da Sociedade Brasileira de Clínica Médica. Segundo lamendes, a segunda onda transformou em agonia o dia a dia dos profissionais locais de saúde. A busca por cilindros de oxigênio foi por tempos uma

tarefa hercúlea. Muitas vezes, se e quando as pessoas conseguiam encontrá-los para comprar, já era tarde demais para salvar os familiares internados. Formava-se, assim, uma fila de venda e doação de cilindros nas unidades fornecedoras. “O desespero era geral. Parentes em tentativas exasperadas vendendo carros, televisões e outros bens para adquirir o oxigênio necessário à sobrevivência de entes queridos”, descreve o graduando.

DESAFIOS À FRENTE

Aqueles que, milagrosamente, conseguiam o oxigênio entravam em nova etapa de sofrimento. Nos hospitais, peregrinavam clamando por atendimento rápido.

Ocorre que, em algumas unidades de terapia intensiva de Manaus, havia mais de 40 pacientes para um médico, um fisioterapeuta, um enfermeiro e poucos técnicos de enfermagem.

“Além de ir totalmente contra o fator qualidade do atendimento, essa condição precária causa clima de esgotamento físico e mental entre os colegas”, compartilha lamendes.

Fernando Tallo fez visitas constantes ao Amazonas para acompanhar as ações da Força-tarefa AMB COVID-19, missão humanitária organizada pela Associação Médica Brasileira para apoiar os médicos e demais profissionais de saúde manauaras na assistência às vítimas da pandemia.

Na rotina do atendimento, em conversas com gestores e médicos e em diligências por hospitais e demais unidades emergenciais, solidificou-se a percepção de que o desafio perdurará por bom tempo.

“São pacientes e mais pacientes precisando de leitos de UTIs, com enorme dificuldade para encontrá-los.”

MISSÃO HUMANITÁRIA

A chegada de 30 médicos da Força-tarefa AMB, em meados de fevereiro, possibilitou leve avanço, para que o governo local reativasse a unidade de campanha Nilton Lins. O Hospital Delphina Aziz também disponibilizou mais alguns leitos de UTI, apontando a um descongestionamento sutil da lotação dos pacientes nas UPAs e UBSs.

“Trabalhamos intensamente, com a meta de ampliar a quantidade de leitos, especialmente nos hospitais Delphina, Nilton Lins e Instituto da Mulher Dona Lindu – os principais centros de COVID-19 do Amazonas. Pacientes que recebem indicação de UTI não podem ficar esperando por uma vaga”, alerta Tallo.

A hora realmente exige ação e solidariedade. Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, celebrações, população civil. Todos vêm ajudando.

“Nós, médicos, apoiamos um ao outro. Na hora do cansaço mental, esse companheirismo é essencial”, destaca lamendes. “No entanto a mudança só ocorrerá quando esse espírito de solidariedade atingir os patamares administrativos, isto é, àqueles que, de fato, decidem os rumos da rede de saúde”.





DESCASO ASSUSTADOR

Um dos cirurgiões gerais da linha de frente de combate à pandemia em Manaus, Doutor 1 - ele prefere não ser identificado - diz que a catástrofe era iminente há tempos.

“Após a primeira onda da COVID-19, os hospitais de suporte, incluindo os de campanha, foram desativados. Nenhuma outra medida de precaução foi tomada até o momento de colapso do sistema”.

Doutor 1 aponta atos de irresponsabilidade e má gestão dos recursos repassados pela União como grandes responsáveis pela crise que agora foge ao controle.

Já lamendes acentua que outro complicador é o descumprimento por parte dos civis dos cuidados básicos, como uso de máscara e respeito ao distanciamento social, além da fragilidade administrativa do sistema de saúde.

“Os hospitais de Manaus sempre tiveram UTIs lotadas, lamentavelmente. Antes, conseguíamos montar salas semi-intensivas e remanejar pacientes. Agora, com a pandemia, ficou impossível. Quando a informação do óbito de um paciente chega à central de controle, já há uma fila enorme de outros doentes para registrar, intubar, enfim, é horrível”.



A percepção dele é a de que, a despeito das iniciativas governamentais após a explosão da crise, o fluxo de pacientes graves por COVID-19 continua em alta.

OITENTA HORAS

Nos picos de falta de oxigênio, os profissionais da saúde recorriam a todo o tipo de improviso com a boa intenção de salvar pacientes. Ao tirá-los do respirador, utilizavam o ambú - balão destinado a estabilizar casos graves - por quase 24 horas. O equipamento, porém, é manual e não pode ser abandonado. Os médicos mantinham-se a postos, porém à beira da exaustão.

Com a rotina estrangulada, profissionais da saúde, em particular os de terapia intensiva, têm a carga horária multiplicada na pandemia. Há relatos de até 80 horas de trabalho ininterruptas. Muitos dos que atuam na linha de frente o fazem por compromisso com

os pacientes, mas são de outras especialidades não estando preparados para atendimento em escala em tal magnitude.

“Nas emergências, há filhos, filhas, familiares chorando e pedindo ajuda aos médicos que passam no corredor. É algo triste demais, dramático, que impacta a nossa vida. Seguimos em um quadro péssimo, mais ainda para aqueles que atuam na linha de frente”, aponta Fernando Tallo.

“Ver pessoas agonizando por falta de oxigênio é chocante. Um reforço de profissionais para essas áreas, sem dúvida, pode melhorar a qualidade ofertada aos pacientes”, complementa lamendes. “Mesmo após ligeira contenção da crise, a rotina dos médicos continua desoladora. É pesado demais lidar com tantos doentes graves, lembrando que nós mesmos convivemos com a perda de familiares próximos para a COVID”.



Foto Amazônia Real/FotosPublicas

CAPACITAÇÃO EMERGENCIAL

Pouco antes da falta generalizada de oxigênio no Amazonas, a Sociedade Brasileira de Clínica Médica promoveu um curso de manipulação de ventilação artificial a 80 médicos e 20 enfermeiros. E, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado, os participantes foram capacitados e conheceram as especificidades do equipamento.

“Foi um treinamento direcionado que acabou sendo de grande utilidade. É um assunto pouco explorado nas graduações de Medicina, que gera dúvidas, em particular no contexto atual”, sustenta Tallo, que ministrou as aulas.

13

NAS EMERGÊNCIAS, FILHOS, FILHAS E FAMILIARES CHORANDO. UM TRISTE CLAMOR POR SOCORRO AOS MÉDICOS

TÚNEL SEM LUZ

A vacina chega, bem aos poucos, trazendo alento.

“Toda essa situação serve de alerta para o país. É preciso seriedade e rigor para lidar com a pandemia. Não há espaço para irresponsabilidade e oportunismo.”, critica lamendes.

A despeito de todas as dificuldades, Doutor 1 mantém sua saga na linha de frente. Aliás, na percepção dele, todos os colegas médicos se mantêm firmes, ainda que com hospitais superlotados. O problema é que as perdas entre a classe vêm crescendo: “Amigos que estavam atuando contra a COVID-19 morreram. Muitos estão exaustos física e emocionalmente. De qualquer forma, juntos, podemos vencer a pandemia”.



MISSÃO HUMANITÁRIA DE MÉDICOS SOCORRE POPULAÇÃO DO AMAZONAS

Ter aguçada sensibilidade social, pautar a atuação no compromisso de levar saúde aos cidadãos, zelar pela boa Medicina, além da capacidade de compreender as urgências. Certamente, essas são algumas das inúmeras qualidades de cada um dos médicos integrantes da Força-tarefa AMB COVID-19, que esteve recentemente em Manaus (Amazonas) em missão humanitária.

Daí, em exceção às regras técnicas do jornalismo, o JAMB pede licença a você, leitor, para fugir do script antes de prosseguir com a reportagem. É para expressar nossos mais sinceros agradecimentos ao grupo que deixou famílias para trás, consultórios e vínculos empregatícios, que colocou a própria vida em exposição, indo ao Norte do País em momento de maior gravidade da pandemia do COVID19, com o intuito de apoiar os médicos manauaras e assistir uma parcela da população em risco iminente de morte. Muito obrigado.

“UMA DAS COISAS DE QUE MAIS GOSTO NA PROFISSÃO É O LADO HUMANITÁRIO. AJUDAR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE”

16

A ORIGEM

Toda essa história começa no dia da posse na Nova AMB. O olhar atento às necessidades em saúde do brasileiro e o respeito absoluto à Ciência fizeram com que a nova diretoria imediatamente colocasse em andamento a criação da Força-tarefa. Aliás, foi uma ideia suscitada pela Associação Paulista de Medicina que participara, há dez anos, de ação semelhante de socorro ao Haiti.

Assim, com o apoio de todas as Federadas e Sociedades de Especialidades, o projeto andou célere. Pouco mais de uma semana após, iniciava-se o cadastramento de médicos interessados em se voluntariar.

Foram algumas centenas de inscritos. O escopo previa seleção e treinamento. Contudo, diante da situação financeira encontrada na AMB, eram necessárias parcerias para viabilizar a parte logística: passagens, hospedagens, alimentação. Mas esse é assunto para outra hora.

Importante é que a ação foi viabilizada e uma Força-tarefa de 33 profissionais pôde ir a Manaus, em fevereiro, por etapas. Era dia 11, quando o maior contingente (18 médicos) desembarcou na

capital do Amazonas, juntando-se a outros seis voluntários, na cidade desde 6 de fevereiro. Os demais juntaram-se ao conjunto no dia 20.

UTIS REATIVADAS

O seis primeiros médicos a chegar foram preponderantes para a reativação da UTI de campanha Nilton Lins. Os demais possibilitaram a reabertura de outras unidades de terapia intensiva desativadas por falta de médicos, além de apoiar os profissionais de lá, exaustos após um ano de dura luta contra a pandemia.

“Cheguei a Manaus na madrugada de 10 para 11 de fevereiro. Logo em seguida, bem cedo, já estava no plantão na UTI de campanha do Hospital Nilton Lins. A UTI havia sido reaberta há menos de uma semana, então certos fluxos ainda estavam desorganizados. Havia muito trabalho a ser feito”, recorda Matheus Merlin Felizola. “Conversando com os colegas manauaras, ficava evidente o cansaço da equipe como um todo – médicos, enfermeiros, técnicos e fisioterapeutas. Parte do cansaço, inclusive mental, vinha dos dias de colapso com falta de oxigênio. Diversos colegas viveram esse pesadelo, que ainda está fresco na cabeça deles”.



BALANÇO DA MISSÃO

Todos os membros da Força-tarefa, mesmo os mais jovens, já tinham construção de excelência em suas carreiras, a começar pela formação. O grupo era originário de algumas das principais faculdades de Medicina do País. Enfim, uma equipe unida, homogênea. Alguns com um pouquinho mais de experiência, como Cibele Mani; outros já são bem mais vividos, como o coordenador Fernando Tallo, diretor da AMB e presidente da Abramurgem, que relata:

“Eles atenderam em unidades, como o Hospital Delphina Aziz, o Instituto da Mulher Dona Lindu, o Hospital Platão Araújo, só para citar mais algumas. Garantiram atendimento em 70 leitos, na raça, a despeito de inúmeros problemas do dia a dia. Retornaram a suas cidades de origem em 5 de março”.

Fato é que a Força-tarefa escreveu uma história belíssima de solidariedade e amor ao próximo. São médicos de alma e de vocação; são médicos que enxergam em cada paciente um paciente, uma pessoa, não uma doença, uma carteirinha de plano de saúde ou o quarto de número tal de um hospital X.

“Uma das coisas de que mais gosto na profissão é o lado humanitário. Ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade, multiplicando o conhecimento e difundindo saúde. Passamos por uma emergência no País. Isso me sensibiliza. Ao saber que poderia auxiliar em Manaus, não pensei duas vezes”, afirma Marília Carvalho Vieira Le-arth Cunha. “Encontrei por lá uma situação de saúde gravíssima, mas uma equipe guerreira e resiliente que me inspirou a cada momento. São pessoas que estão na linha de frente há um ano e, incrivelmente,



mantêm a calma, a serenidade e a compaixão. Ainda há um longo caminho pela frente, o COVID-19 é avassalador, mas, se cada um fizer sua parte, podemos vencê-lo”.

“Alivia nossos corações concretizar essa Força-tarefa, apoiando abnegados e comprometidos médicos para auxiliar no tratamento de pacientes acometidos pela doença no Amazonas”, ressalta o presidente da AMB, César Eduardo Fernandes. “Reconhecemos o trabalho valioso e digno dos colegas manauaras, que cumprem plantões subsequentes, sem folgas, e que, por conta disso, naturalmente estão exauridos física e emocionalmente. A Força-tarefa da AMB pôde, por um tempo, minorar levemente esse cansaço e ajudá-los na assistência aos cidadãos. Agradeço aos valorosos médicos que deixaram tudo de lado para essa iniciativa de grande relevância social. Nossa gratidão e homenagem a cada um de vocês que exercem a profissão com plena dignidade, em um momento tão difícil”.

18

MUITO OBRIGADO!

Beatriz Barreira Motta Bambini	Lucas Caetano Oliveira Gois
Bruno Gemilaki Dal Poz	Lucas Marengo de Menezes
Camila Sérvulo da Cunha e Ferreira	Luiz Gustavo Perez Vazquez
Caroline Salvio Oshima	Mairla Maracaba Moreira
Cibele Mani	Marilia Carvalho Vieira Learth Cunha
Cyntia Naomi Hirose	Markfaldo Sales de Araújo
Daniella Guimarães Peres Freire	Mateus Fonseca de Gouvêa Franco
Diego Ribeiro Rocha	Matheus Felizolla
Eric Daniel Brito Augusto	Michelle Chechter
Flavia Roberta Galter	Muriel Gemenez Dos Reis
Gustavo Maximiliano Dutra da Silva	Nicole Takakura Gaggioli
Higor Barrera Camacho Oliveira	Verônica Fernandes de Campos
Jenifer Shaune Garcia Pimenta de Abreu	Victor Cabelho Passarelli
João Paulo Alves	Victor Yuri Pereira Damasceno
Kenji Nakahara Rocha	Vinicius Rafael Fernandes
Leonardo Krybus Scarpinella Bueno	
Leonardo Torioni	
Leticia Carolina Andrade Martins Albeny	



Novas frentes devem ser formadas em breve. As inscrições de voluntários permanecem abertas no link bit.ly/forcatarefaamb2021



TESTEMUNHO

Camila Sérvulo
Flavia Galter

“Logo ao chegarmos, fomos alocadas no Instituto da Mulher (Dona Lindu), um hospital direcionado às mulheres, no qual há muitas gestantes internadas. Apesar de termos noção da situação da pandemia em Manaus, ao sair do hotel estávamos ainda cheias de dúvidas sobre o que encontraríamos no hospital: quantos pacientes? Tem oxigênio? Tem medicação? Tem EPIs? Mesmo sendo um dos principais hospitais de Manaus, sentimos falta de alguns recursos. Por exemplo, não havia luva de procedimento, óculos e máscaras N95 para os profissionais. Algumas medicações também estavam em falta, como bloqueadores neuromusculares, fundamentais para os pacientes graves. A solução foi continuar usando nossos próprios EPIs e pensar em alternativas terapêuticas, em caso de falta das

medicações de primeira linha, o que foge do ideal que as pacientes merecem e deveriam ter.

As histórias dessas pacientes são bastante variadas, cada uma com sua particularidade. Ouvir frases do tipo ‘não acredito que agora preciso escolher entre minha esposa e meu filho’, vindas da boca de um marido/pai aflito, é de uma tristeza imensurável.

Infelizmente, as condições são distantes do ideal, mas isso não nos impede de dar o nosso melhor dentro das possibilidades. Fizemos tudo ao nosso alcance para garantir tratamento, suporte e conforto às pacientes e aos familiares.

O trabalho é cansativo física e emocionalmente, mas segue a luta para proporcionar a todos a melhor assistência”.

COVID NA LINHA DE FRENTE

MÉDICOS APONTAM TENDÊNCIA DE AGRAVAMENTO DA PANDEMIA E DA MORTALIDADE

20

Pesquisa com 3.882 profissionais da Medicina apresentada em 2 de fevereiro pela AMB, em parceria com a APM, anunciou momentos de dor e tristeza vividos com a segunda onda





Uma linha de frente da COVID-19, composta por médicos exaustos física e emocionalmente, além de apresentarem outros sintomas de síndrome de Burnout.

Falta de leitos, de profissionais, de materiais básicos, como máscaras, luvas, proteção facial e álcool em gel, além da insuficiência de protocolos para uma assistência de maior segurança e qualidade.

A percepção de que a segunda onda chega tão ou ainda mais grave que a primeira.

Importante tendência de alta dos óbitos e dos números de casos.

Descrédito nas autoridades da saúde, tanto em relação ao presente quanto ao futuro pós-pandemia.

Esse é o retrato que emerge da I Pesquisa Nacional Os médicos e a pandemia de COVID-19, promovida pela Associação Médica Brasileira (AMB), com participação de 3.882 profissionais de Medicina de todas as regiões do País, em janeiro de 2021.

O levantamento on-line, por meio da plataforma Survey Monkey, foi viabilizado com apoio de todas as representações estaduais da AMB – as denominadas Federadas da Associação Médica Brasileira.

Indagados sobre a situação atual de casos nas unidades que atendem a pacientes com suspeita ou já com COVID-19, 91,5% dos médicos observavam tendência à alta em algum grau.

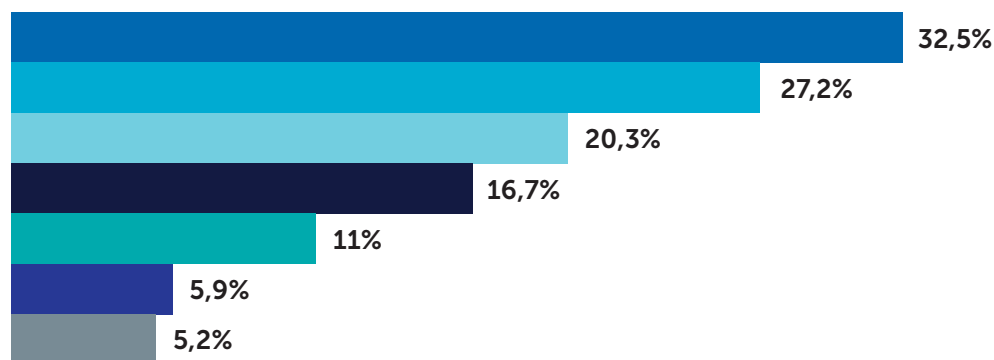
Quanto aos óbitos, a percepção de alta era compartilhada por 69,1%, ou seja, praticamente, 7 em cada 10.

EQUÍVOCOS E DESCASO

A amostra da pesquisa traz 55,3% de médicos e 44,7 de médicas, totalizando os 3.882 profissionais de Medicina já citados. Eles foram inqueridos sobre a desativação dos hospitais de campanha, algo que ocorreu por todo o Brasil nos meses finais de 2020. O entendimento de 81,4% é de que tal decisão foi equivocada.

Mais de um ano após o início da pandemia, agora com cerca de 400 mil mortes contabilizadas, 64% dos médicos que retornaram os questionários apontam deficiências básicas nos locais em que prestam atenção à pandemia de COVID-19. As insuficiências:

22



- Falta de médicos, enfermeiros e/ou outros profissionais da Saúde
- Falta de diretrizes, orientação ou programa para atendimento
- Falta de leitos de internação em unidades regulares ou em UTI
- Falta de máscaras, luvas, aventais, óculos, proteção facial ("face shield"), álcool em gel e/ou outros materiais básicos
- Falta de medicamentos como bloqueadores neuromusculares e sedativos (para intubação traqueal e ventilação artificial) ou outros
- Falta de respiradores
- Outras

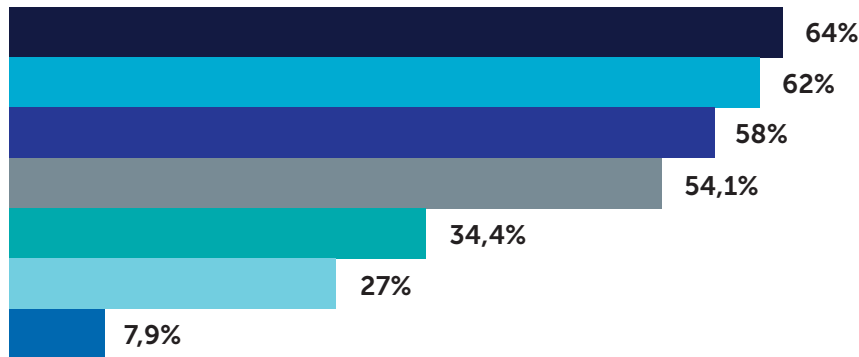
FAKE NEWS E EXAUSTÃO

Além de todos esses problemas e deficiências, a assistência é impactada por recorrentes fake news de pessoas mal-intencionadas. Somam mais de 9 entre 10 – (91,6% dos pesquisados) – os que citam interferência negativa das notícias falsas, como o descrédito da Ciência, a dificuldade de os pacientes aceitarem as decisões dos profissionais de saúde, o desprezo às medidas de isolamento e pressão para que sejam receitados medicamentos sem comprovação científica de eficácia.

Quanto ao estado físico e emocional da linha de frente, paira o fantasma da síndrome de Burnout. Profissionais estão destruídos, estressados, ansiosos etc.

No serviço em que atende, por conta do enfrentamento à pandemia, há casos de médicos com os sintomas abaixo?

23



- Estresse
- Exaustão física ou emocional
- Não, nenhum caso
- Ansiedade
- Dificuldade de concentração
- Mudanças bruscas de humor
- Sensação de sobrecarga

PANDEMIA ENTRE NÓS

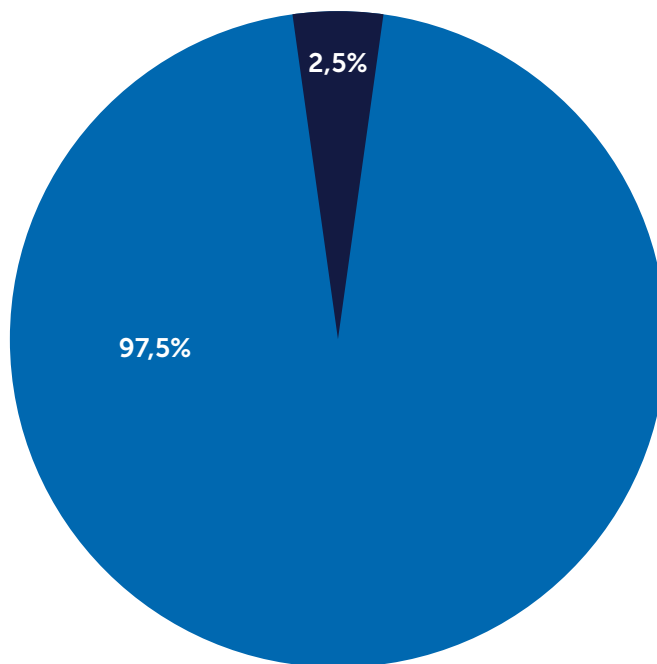
Enquanto a relação de casos de COVID-19 entre os 209 milhões de brasileiros é de 4,3%, a razão entre os médicos da linha de frente pesquisados é de 23,4%.

Outro número que impressiona: 3 em cada 10 consideram que as autoridades de saúde não estão aplicando adequadamente uma só medida de caráter preventivo. E o que causa mais perplexidade ainda: 76,10% veem inadequações nas orientações de isolamento; 80,5%, em relação à necessidade de ventilação de ambientes; 56% relatam insuficiências no tocante a evitar aglomerações; 88,6%, no rastreamento aos contactantes; e 76,10%, referem-se a inadequações no quesito campanha de esclarecimentos.

Quanto à imunização, 97,5% pretendem ser vacinados contra a COVID-19 e prescreverão a imunização para seus pacientes.

24

Você pretende ser vacinado contra a COVID-19 e prescreverá a imunização para seus pacientes?





DESCRÉDITO DAS AUTORIDADES

Quase a totalidade, ou seja, 99% acham que deve haver mudanças na saúde do Brasil pós-pandemia, porém 73% não creem que os gestores e autoridades passarão a tratar as fragilidades históricas do sistema de forma mais profissional e prioritária. Junte-se a isso que a aprovação do Ministério da Saúde fica em 16,60% contra 72% da época em que o titular era Henrique Mandetta.

Veja a pesquisa completa com mais dados em amb.org.br



MEDICINA E SAÚDE NÃO DEVEM PAGAR A CONTA

Em discussão, respectivamente, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, as propostas de emenda à Constituição (PECs) nº 45 e 110 sugerem reforma tributária sobre produção, comercialização de bens e prestação de serviços, extinguindo uma série de tributos e estabelecendo alíquota fixa: no caso da PEC 45, o IBS (Imposto sobre Bens e Serviços); e, no da 110, o IVA (Imposto sobre Valor Agregado).

Há ainda em debate o Projeto de Lei 3.887/20, enviado pelo Ministério da Economia. Esse prevê a substituição do PIS (Programa de Integração Social) e do COFINS (Contribuição para Financiamento e Seguridade Nacional) que representam hoje entre 4,5% e 5% da arrecadação, por um tributo unificado de 12% ao mês, a Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS).



“PRECISAMOS GARANTIR QUE UM ASSUNTO DESSA MAGNITUDE SEJA EXAUSTIVAMENTE DISCUTIDO COM A SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA PARA QUE A REFORMA TRIBUTÁRIA ALCANCE SEU OBJETIVO”

28

Aos profissionais médicos e à saúde, todas elas trazem preocupação. São risco iminente de fechamento de clínicas, encarecimento dos planos de saúde e, por consequência, uma sobrecarga ainda maior do Sistema Único de Saúde (SUS).

A Associação Médica Brasileira (AMB) compreende que a reforma tributária é necessária e indispensável, para a reorganização de base da Economia do Brasil. Entretanto não pode, sob hipótese alguma, provocar prejuízos a áreas sociais, em especial à saúde que, atualmente, já padece com insuficiência de recursos em meio a mais severa crise sanitária da história recente.

Essa leitura crítica dos projetos em tramitação em Brasília coincide

com a de instituições coirmãs, como o Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo (SINDHOSP) e com a Associação Paulista de Medicina (APM), dentre outras representações da sociedade civil.

“Já manifestamos aos parlamentares nossa disposição em debater os impactos das propostas, desenvolvendo estudos e sugerindo alternativas. Precisamos garantir que um assunto dessa magnitude seja exaustivamente discutido com a sociedade civil organizada para que a reforma tributária alcance seu objetivo, que é o de diminuir a burocracia e propiciar um ambiente mais saudável para os negócios e o desenvolvimento econômico”, opina Francisco Balestrin, presidente do SINDHOSP.



SIMPLIFICA JÁ

Por essas e outras, a AMB juntou-se ao Simplifica Já, iniciativa da Central Brasileira do Setor de Serviços (CEBRASSE) que coloca em pauta alternativas mais justas à reforma tributária.

“Ao nos associarmos à CEBRASSE, ganhamos voz e força para um trabalho de sensibilização na Câmara dos Deputados e no Senado. Ter êxito nessa empreitada é premissa para que não vivamos uma tragédia tributária que se anuncia”, afirma César Eduardo Fernandes, presidente da Associação Médica Brasileira.

José Fernando Macedo, diretor de Defesa Profissional da AMB, complementa: “A união da AMB ao

Simplifica Já é relevante, porque estamos trabalhando junto com outras 72 entidades da área de serviços. São milhares de empresas e milhões de pessoas representadas. É preciso sensibilidade na criação de uma reforma tributária que não prejudique o setor de serviços e a saúde”.

O diretor de Defesa Profissional da APM, Marun David Cury, analisa que a pressão política exercida por um grupo de tamanha credibilidade reforça as reivindicações do movimento médico.

“Para nossa área, o projeto propõe recolhimento de 5% no lugar do PIS e COFINS, sem mexer no Simples Nacional – evitando, assim, prejuízos aos médicos”, pontua.



DIAGNÓSTICO

Presidente da CEBRASSE, João Batista Diniz Junior, fala com exclusividade ao JAMB sobre as propostas em andamento e a adesão dos médicos ao Simplifica Já

30

Por que a reforma tributária que tramita no poder legislativo é tão prejudicial ao setor de serviços?

As reformas baseadas nas PECS 45 e 110 preveem, respectivamente, o IBS e o IVA seguindo o princípio de compensação durante as fases de produção. Isto é, a cada fase, o imposto é abatido de maneira a não acumular. Esse sistema é ótimo para indústrias, que trabalham divididas por etapas. Nos serviços, porém, não há uma cadeia produtiva e, conseqüentemente, não tem o que compensar. Sendo assim, a proposta seria extremamente prejudicial ao setor.

No caso da PEC 45, estima-se um IBS em torno de 30 a 32%. Em determinados serviços, como saúde e educação, isso significa aumento da carga tributária de mais de 200%. Na indústria, também há aumento, mas, devido ao esquema de compensação, o imposto é menor no produto final.

Hoje, os setores de serviços, varejo e comércio empregam 70% da economia brasileira; a indústria e o sistema financeiro, que seriam os principais beneficiados, apenas 20%. Portanto, é uma proposta completamente distorcida.

Considerando a estagnação da economia durante a pandemia de COVID-19, quais são os possíveis impactos da proposta para a sociedade brasileira e, em especial, à comunidade médica?

Inflação, repasses de preços, diminuição do consumo, desemprego, entre outros. São vários os efeitos-cascata danosos à economia.

Nos países europeus que usam o IVA, existem alíquotas variadas. Nos serviços, o percentual é mais baixo – diferentemente do que se propõe aqui: um único tributo, e altíssimo. No Japão, o valor fica em torno de 7%, enquanto, no Brasil, seria 30%. Essa medida está sendo revista inclusive na



Europa, por ser considerada uma das principais fontes de corrupção por sonegação.

O que é o Simplifica Já?

O Simplifica Já é uma contraproposta que mantém as estruturas existentes de tributos, mas ressignifica a forma de recolhê-los. Entre as principais medidas sugeridas, estão os conselhos com legislações únicas, já que a estimativa é a de que o Brasil tenha cerca de 3 trilhões de reais em passivos tributários a serem discutidos na Justiça - praticamente um PIB nacional. Essas legislações precisam ser simplificadas urgentemente.

Na esfera de serviços, prevemos uma desoneração da folha. Temos um grupo atuante de economistas, com nomes de peso, como Marcos Cintra e Everaldo Maciel, montando uma proposta de desoneração total e estudando estratégias de compensação. Estamos avaliando

o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), o que permitiria que a parte do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) desonerasse 20% do INSS patronal, SESC (Serviço Social do Comércio), Funrural (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural) e Sistema S, resultando no barateamento da contratação. Existem outras propostas baseadas no CPRB (Contribuição Previdenciária sobre a Receita Bruta) e no Cintra (Imposto Único), mas o IOF nos parece a melhor opção.

Qual o peso de instituições como a AMB, APM e SINDHOSP nesse movimento por uma reforma tributária mais justa?

Essas associações e sindicatos representam a saúde pública e privada, sempre essencial à sociedade brasileira, em especial agora durante a pandemia.

Como seria, de fato, uma reforma sustentável ao setor de ser-

viços considerando o contexto econômico atual?

Aquela que priorize o emprego. Hoje, o Brasil tributa 43% sobre a folha. É um absurdo. O Chile tributa 9% e os Estados Unidos, 17%. Independentemente do contexto, já é uma situação crítica. Na conjuntura atual, então, é ainda mais insustentável.

No que diz respeito à PL 3887/20, que unificaria o PIS e COFINS em um imposto CBS de 12%, o acréscimo seria absurdo. Atualmente, setores da economia que pagam algo em torno 3,65% sofreriam um aumento de 250% na carga tributária. Outros que pagam 9,25% teriam uma alta de 30 a 35%. Não tem cabimento.

Por isso que, ao setor de serviços, nós sugerimos uma alíquota diferenciada, na casa dos 4%. A proposta atenderia positivamente o segmento e, é claro, a classe médica.

DOS MÉDICOS E DA BOA MEDICINA

NOVA AMB

32



Posse da Diretoria para a gestão 2021-2023 da Associação Médica Brasileira ocorreu em solenidade híbrida. Valorização dos médicos, respeito e apoio à ciência, compromisso com os pacientes, assim como, a importância da união das entidades: marcas da mudança



33

O anseio de mudanças e de valorização dos médicos brasileiros - registrado claramente nas eleições de 2019 da AMB - também deu o tom à cerimônia de posse da diretoria 2021-2023, realizada de forma híbrida em 8 de janeiro.

Foi consenso, da mesma forma, a importância da união das entidades associativas, conselhais e sindicais, para a viabilização de demandas, como valorização do exercício profissional e condições adequadas para uma assistência de qualidade aos cidadãos.

Mais de 300 médicos das diversas regiões do País acompanharam a cerimônia - quase a totalidade vir-

tualmente. Em mesa solene, à sede da Associação Médica Brasileira, em São Paulo, estavam César Eduardo Fernandes, o novo presidente da AMB, Miguel Roberto Jorge, representando a antiga diretoria, e José Luiz Gomes do Amaral, presidente da Federada anfitriã, a Associação Paulista de Medicina.

Os presidentes do Conselho Federal de Medicina, Mauro Luiz de Britto Ribeiro, da Federação Nacional dos Médicos, Gutemberg Fialho, da Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp), Eduardo Amaro, e da Academia Nacional de Medicina, Rubens Belfort Junior, e o ex-presidente da AMB, Eleuses Vieira de Paiva, completaram a mesa diretora, a distância.

CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE

Ao abrir os trabalhos e a palavra, César Eduardo Fernandes acentuou que a coesão dos médicos é indispensável para a entrega de boa assistência à população e ao exercício da Medicina.

“É natural divergir em algumas ideias. Praticar o contraditório é enriquecedor, salutar. Mas precisamos estar unidos sempre. No que nos diz respeito, faremos todo o possível para que isso aconteça. Essa é uma das prioridades da AMB.”

Miguel Jorge, ex-presidente imediato da Associação Médica Mundial (WMA), iniciou sua intervenção, parabenizando a nova diretoria. Em seguida, destacou a dedicação das entidades por medicina de qualidade, por estrutura suficiente ao qualificado atendimento dos pacientes e por saúde de nível elevado aos brasileiros. Mencionou a crise sanitária e a relevância de combatê-la à luz do conhecimento científico.



O presidente do CFM, Mauro Luiz de Brito Ribeiro, dissertou sobre a urgência de unir todas as representações médicas, para a implantação de políticas públicas consistentes em saúde e para atuar em prol das bandeiras médicas. Depois, cumprimentou César Fernandes em clima de descontração: “Admiro sua coragem, César, de assumir uma entidade médica neste momento em que enfrentamos a mais severa crise sanitária da história moderna. Devo confessar que as coisas não estão fáceis. Então, nos resta como único caminho trabalhar juntos”.

A coesão do movimento médico foi igualmente foco do presidente da Fenam, Marcos Gutemberg Fialho da Costa: “Só assim seremos eficazes no enfrentamento das políticas públicas adversas. É mister também lutar pelo nosso sonho maior: a chegada da Medicina aos rincões deste País, com a implantação da carreira médica de Estado”.

Por sua vez, o presidente da Academia Nacional de Medicina, Rubens Belfort Junior, frisou que cabe à AMB a responsabilidade de liderança legítima da Medicina do Brasil: “Lado a lado da AMB e de todas as lideranças, continuemos empenhando esforços para melhorar a assistência”.

ÉTICA E COMPAIXÃO

A José Luiz Gomes do Amaral, na condição de presidente Associação Paulista de Medicina (APM) - a anfitriã da solenidade de posse - coube a função de representar as demais Federadas da Associação Médica Brasileira. Em sua exposição, ele lembrou que, nesse 2021, a AMB completa 70 anos em prol da Medicina: “Nossa profissão une compaixão, ciência e ética, três pilares da melhor atividade que até hoje a sociedade humana conseguiu organizar”, frisou, Amaral que também é presidente da Academia de Medicina de São Paulo (AMSP), emendando: “Sobre o professor César Eduardo Fernandes e sua Diretoria, só posso enfatizar que são pessoas boas e, sobretudo, de elevadíssima integridade ética”.

35





“NOSSA MISSÃO É PROMOVER O REENCONTRO DA CLASSE MÉDICA COM A AMB. VAMOS ENCHER O PEITO E FALAR: ‘EU SOU AMB!’”

36

O ex-presidente da Associação Médica Brasileira, Eleuses Vieira de Paiva, foi outro orador a tratar da inadiável coesão entre as entidades médicas. Registrou ter a convicção de que César Eduardo Fernandes e a nova diretoria serão exitosos em tal missão: “Este grupo, certamente, protagonizará iniciativas importantes para a Medicina e para a sociedade brasileira.”

O desejo de trabalhar em prol de uma Medicina melhor, com o apoio da AMB norteou a declaração de Eduardo Amaro, presidente da Anahp, que foi sucedido por manifestação de Luciana Rodrigues da Silva, a nova vice-presidente da Associação Médica

Brasileira: “Está clara a disponibilidade de mudar. A nossa missão é comum: lutar pela valorização dos médicos do Brasil e qualificar o atendimento aos pacientes. Somos homens e mulheres comprometidos, acima de tudo, com a vida”.

Pela nova diretoria, ainda ocuparam a palavra Jurandir Marcondes Ribas Filho, Agnaldo Lopes da Silva Filho, José Fernando Macedo, Luciano Gonçalves de Souza Carvalho e José Eduardo Lutaif Dolci. Esse último, aliás, resumiu o sentimento generalizado da solenidade: “Nossa missão é promover o reencontro da classe médica com a AMB. Vamos encher o peito e falar: ‘Eu sou AMB!’”.



PALAVRA DE PRESIDENTE

ENCERRANDO OS TRABALHOS,

César Eduardo Fernandes teve, então, seu primeiro discurso como presidente da Associação Médica Brasileira. Ele enfatizou outra vez a necessidade de as entidades caminharem lado a lado, com pautas comuns em benefício de cidadãos e médicos. Também nominou e agradeceu a cada um dos membros da diretoria eleita: “Sou um afortunado, porque por onde passo sempre me vejo ladeado por médicos de alta estatura ética, compromissados e proativos. Este grupo não é diferente, certamente, fortalecerá o movimento associativo. Temos de procurar juntos um novo modelo para o movimento associativo, o que envolve as federações, sociedades de especialidades e a AMB, vamos nos debruçar sobre isso. A meta é avançar”.

Diretoria eleita 2020-2023

Presidente: César Eduardo Fernandes (SP)

1ª Vice-presidente:
Luciana Rodrigues da Silva (BA)

2º Vice-presidente:
Jurandir Marcondes Ribas Filho (PR)

Vice-presidente Norte:
Mariane Franco (PA)

Vice-presidente Nordeste:
Roque Salvador de Andrade e Silva (BA)

Vice-presidente Centro-Oeste:
César Galvão (DF)

Vice-presidente Sudeste:
Agnaldo Lopes da Silva Filho (MG)

Vice-presidente Sul:
Oscar Dutra (RS)

Secretário-geral:
Antônio José Gonçalves (SP)

1ª Secretária:
Maria Rita de Souza Mesquita (SP)

1º Tesoureiro:
Akira Ishida (SP)

2º Tesoureiro:
Lacildes Rovella Júnior (SP)

Diretor de Relações Internacionais:
Carlos Vicente Serrano Junior (SP)

Diretor Científico:
José Eduardo Lutaif Dolci (SP)

Diretor de Defesa Profissional:
José Fernando Macedo (PR)

Diretor de Atendimento ao Associado:
Carlos Alberto Gomes dos Santos (ES)

Diretora Cultural:
Rachel Guerra de Castro (MG)

Diretor Acadêmico:
Clóvis Francisco Constantino (SP)

Diretor de Assuntos Parlamentares:
Luciano Gonçalves de Souza Carvalho (DF)

Conselho Fiscal

Titulares

José Carlos Raimundo Brito (BA)

Luiz Carlos João (SP)

Nerlan Tadeu Gonçalves de Carvalho (PR)

Suplentes

Francisco José Rossi (DF)

Juarez Monteiro Molinari (RS)

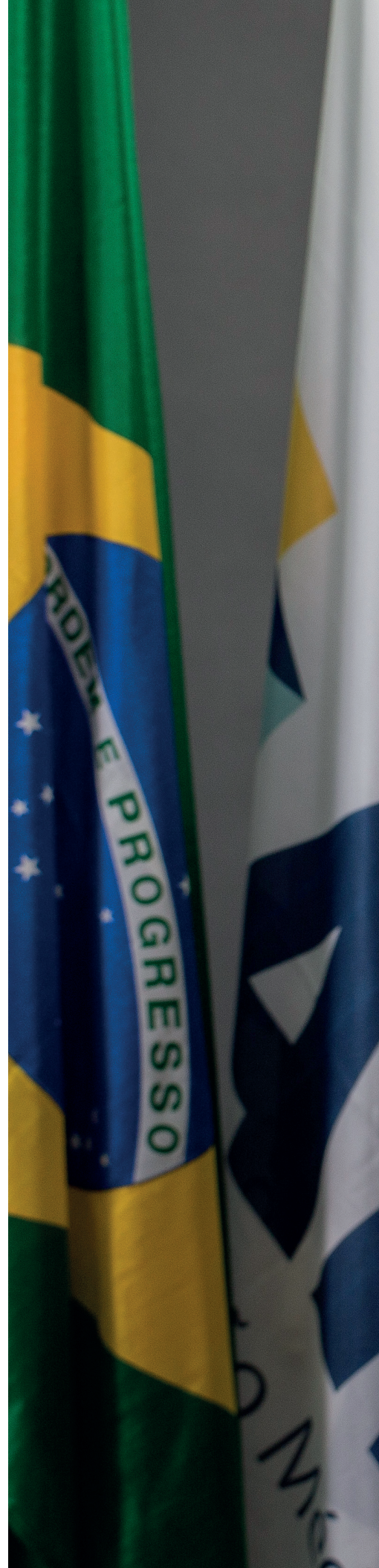
Márcia Pachiegas Lanzieri (SP)

ENTREVISTA

PRIORIDADE E DESAFIOS

38

César Eduardo Fernandes,
novo presidente da Associação
Médica Brasileira, dá a primeira
entrevista pós-posse ao JAMB.







MÉDICO EM PAUTA

A SITUAÇÃO DO MÉDICO no Brasil é preocupante. Já o era e se agravou com a pandemia. Estar na diretoria da Associação Médica Brasileira, com um grupo gestor qualificado e comprometido, permite-nos ir fundo em ações para reverter esse quadro. Sempre defendi e defendo que o trabalho médico deve ser valorizado de forma condizente com a complexidade e a responsabilidade. Também necessitamos de estrutura adequada e dos demais pré-requisitos ao exercício da melhor Medicina e de assistência de qualidade a todos os pacientes.

O PACIENTE

O brasileiro tem, historicamente, elevada preocupação com a assistência em saúde. Se recuperarmos pesquisas pré-eleitorais de diversas épocas, constataremos ser

prioridade recorrente de décadas e décadas. É natural. É compreensível, em especial considerando a dívida social que temos em nosso País. A pandemia do COVID-19 veio agravar as insuficiências do sistema e a seriedade da crise amplificou a questão. Mudanças comportamentais, claro, são, sim, outro aspecto relevante. Porém a origem do desafio se encontra na ausência de qualificação e de respostas concretas por parte de boa parcela de autoridades gestoras.

No Brasil, em regra, saúde é tratada como trunfo partidário, político-ideológico ou como ferramenta de troca para obter apoio/vantagens. Isso tem de acabar já. A saúde precisa ser focada como política de Estado, de inclusão social. Quando assim o fizermos, não tenho dúvida de que o brasileiro, enfim, receberá assistência digna e qualificada.



LINHA DE FRENTE

Sinto enorme orgulho da atuação diária de nossos pares, especialmente aqueles que atuaram e os que estão até agora na linha de frente do combate ao COVID-19. Esses colegas sempre estiveram conscientes da sua importância social nesse momento de crise, trataram milhares de pacientes, se expondo à contaminação. Perdemos muitos médicos. A população reconhece a entrega e trata os que enfrentaram a pandemia (e a classe) como guerreiros, heróis. Sensibiliza-nos profundamente o reconhecimento do cidadão, entretanto não podemos achar (e não pensamos assim, ao contrário) que isso resolve o problema da atuação do médico. O que nós médicos pleiteamos? Queremos condições dignas de trabalho para bem exercer nossa profissão, para oferecer de melhor o que a Medicina tem diante dos atuais conhecimen-

tos, com todas as ferramentas necessárias de diagnóstico e tratamento em prol da população. Nossa meta é invariavelmente o exercício digno e competente da Medicina. Por outro lado, queremos ser reconhecidos não como heróis, mas sim, como profissionais competentes com longa curva de aprendizado, formação de alta complexidade, resiliência ao elevado estresse e comprometimento. Almejamos ainda ser remunerados de acordo com a relevância das atividades essenciais aos brasileiros e que exige longo processo de formação, aprendizado e estudo contínuo. Nossa profissão está precarizada e precisamos dar um basta nisso. Os governantes têm de ser responsáveis pela saúde de um modo geral e com os profissionais da área. Assim, como presidente eleito da AMB, registro com todas as letras que o governo nos deve demais, aliás, há décadas está em dívida.

ESPECIALIDADES MÉDICAS

Estaremos sempre absolutamente alinhados com as nossas sociedades de especialidades. No momento atual de crise sanitária sem precedentes, apenas para dar um exemplo, a Sociedade Brasileira de Infectologia é nossa referência maior e, com ela, nos alinharemos na propagação dos melhores conhecimentos atuais que envolvem a prevenção, o diagnóstico e o tratamento do COVID-19. A AMB acredita e defende a ciência. No campo da infectologia, a excelência da ciência e do conhecimento está na SBI.

A propósito, as sociedades de especialidade médica são a alma da Associação Médica Brasileira, assim como o são nossas Federadas. A AMB nasceu com uma missão científica há 70 anos e isso a fez grande, importante à Ciência e à Medicina do Brasil. Repito: a Associação Médica Brasileira falará sempre junto e em consonância com as especialidades, para apoiá-las e fortalecê-las cada vez mais e, consequentemente, para que seus associados sejam ainda mais valorizados, reconhecidos, respeitados e percebam remuneração adequada, justa.



A AMB REPUDIA OS QUE NEGAM A CIÊNCIA E OS QUE PLANTAM NOTÍCIAS FALSAS PREJUDICANDO A SAÚDE E A MEDICINA DE ALTO NÍVEL

CIÊNCIA 100%

A AMB repudia os que negam a ciência, os que plantam notícias falsas e enviesadas prejudicando a saúde e a medicina de alto nível. Isso não existe. Se não à Ciência, vamos recorrer a quem? Aos curandeiros? Aos bruxos? Aos milagreiros? Na tragédia brasileira há, sem dúvida, o dedo daqueles que espalham fake news, que desinformam a população, criam cizânia entre médicos e profissionais de saúde. O COVID-19 não é doença simples e de fácil enfrentamento. Muito ao contrário: já matou cerca de 300 mil pessoas em solo brasileiro. A Associação Médica Brasileira se solidariza mais uma vez com todos os cidadãos do País. Expressamos os sentimentos de todos os nossos diretores e médicos, em especial aos familiares e aos amigos das vítimas.

Temos registrado nossa consternação com o que ocorre no Brasil. É mais do que evidente que a tragédia já deveria ter sido encarada com a responsabilidade que requer. Lamentavelmente, até hoje não temos um plano de vacinação consistente e, pior ainda, nem vacinas para todos os brasileiros.

A pandemia é, sim, implacável aqui e em todo o mundo. Porém muitos países menores e mais pobres do que o Brasil foram (e seguem sendo) eficientes no combate ao COVID-19 e na defesa da saúde de suas populações. Milhões de brasileiros estão em risco. O fantasma do esgotamento do sistema médico-hospitalar é risco real.

TEMPOS DE MUDANÇAS

A Medicina é dinâmica e avança a cada segundo. As entidades médicas representativas dos mé-

dicos têm também de ser ágeis e ir sempre em busca de melhores caminhos, de respostas mais ágeis e resolutivas. Portanto a Associação Médica Brasileira estará vigilante e em constante discussão dos temas que mais interessam à saúde da população brasileira durante os nossos próximos três anos de mandato. Temos de revigorar a CBHPM, valorizando-a em prol dos médicos, da boa prática e da assistência de qualidade aos cidadãos. Mas isso se dará em amplo debate com a participação de todas as sociedades de especialidade. As Câmaras Técnicas também serão fortalecidas, ganharão em autonomia e precisam ter papel preponderante sempre. Não faz um mês que assumimos a Diretoria, mas já estamos com todos esses projetos bem engatilhados. Em nossa gestão, nada será feito de cima para baixo. A palavra é união. Coesos e em sintonia, abriremos trilhas virtuosas.



FORMAÇÃO E RESIDÊNCIA

É imperioso manter um elevado padrão de qualidade na educação médica. Preocupa-nos extremamente a abertura indiscriminada de novas escolas médicas. Acredito que a maioria não tem condição de oferecer formação suficiente para um profissional. Defendo, portanto, uma política de revisão das liberações de funcionamento das escolas. E que, obviamente, não haja continuidade de faculdades que não reúnam condições comprovadas para a boa capacitação. Do mesmo modo, defendo a reavaliação sistemática, criteriosa e justa a todos os programas de Residência Médica, para checar se possuem as competências exigidas pelo Ministério da Educação.

REVALIDAÇÃO DIPLOMAS

Qualquer médico que quiser trabalhar no Brasil será recebido de braços abertos pela AMB e, tenho certeza, pelos nossos 550 mil médicos. Só um parêntese: desde que ele se

submeta às avaliações necessárias para confirmar sua capacitação e qualificação. Passando por exames de revalidação, se for aprovado, ótimo. Será um a mais para trabalhar em prol da assistência à população. Quem não se submeter a comprovar sua capacitação, não pode ser médico aqui nem em qualquer lugar do mundo, se permite uma opinião de médico e, também, de cidadão. Essa demanda vale também para os reprovados na avaliação. Se não estão aptos, não podem ser médicos.

DEFESA PROFISSIONAL

Essa é uma área que requer 100% de compromisso e 200% de trabalho. Quando entrei no associativismo efetivamente, já se vão mais de dez anos, fui eleito para a presidência da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Estado de São Paulo (SOGESP). Vivíamos uma situação muito desalentadora no que diz respeito à assistência ao parto, extremamente desvalorizado. Eram vergonhosos os honorários que se pagavam na saúde suplementar e

os médicos estavam angustiados por querer prestar esse atendimento, emblemático no exercício da especialidade, mas sem condições mínimas de fazê-lo. Então, fizemos uma campanha intensa com grande divulgação na mídia. Talvez esse seja o maior dividendo que tivemos, com o engajamento de toda a comunidade de ginecologistas e obstetras, com ações feitas em vários locais públicos. Assim, mudamos a relação de precariedade em que vivíamos. Ainda está longe do que gostaríamos, mas certamente, o trabalho e a virada ficaram no coração dos médicos. Assim como a convicção de que tínhamos uma sociedade que caminhava ao lado deles. Agora, na AMB, com a nossa diretoria de Defesa Profissional, vamos partir para o ataque, no bom sentido. Iremos a todas as fontes pagadoras argumentar, com números e provas, que o médico deve ser valorizado imediatamente. Seremos firmes e creio que os sensibilizaremos. Se a sociedade reconhece nosso valor, as fontes pagadoras têm de pensar nisso também. E agir.

SAÚDE SUPLEMENTAR

Quanto à saúde suplementar, as relações também vêm piorando para o médico, ano a ano. Aliás, a remuneração vil faz com que muitos prefiram fechar os consultórios, passando a trabalhar apenas como empregados. A questão é que sofrem com vínculo empregatício precários, honorários defasados, pressões que atentam contra a autonomia profissional etc. Vamos cobrar dos legisladores e dos gestores de saúde suplementar reconhecimento ao exercício digno da medicina, para permitir educação continuada, carga horária compatível e remuneração adequada. Não admitimos interferência na autonomia. Vamos estar atentos a eventuais pressões indevidas para reduzir solicitações de exames e procedimentos essenciais ao paciente, para antecipar altas ou para evitar internações. É nosso papel e nossa obrigação atuar na defesa do exercício profissional e digno e na busca da melhor assistência ao paciente em sua singularidade e à população brasileira em seu sentido mais amplo.

É inadmissível ainda um médico cumprir carga horária de 50, 60, 70 horas, amarrado a três, quatro vínculos para compor o orçamento,

para fazer frente às necessidades de atualização profissional e ao sustento de sua família.

POLÍTICA DE ATENÇÃO

Nessa pandemia, o papel da AMB é claro, defender a ciência, a boa medicina e a qualidade da assistência em saúde – como habitualmente. Atuaremos sempre junto à população, esclarecendo os riscos, levando, sem quaisquer conflitos de interesse, as medidas profiláticas efetivamente aprovadas e com evidências científicas. Não se pode colocar a AMB, uma instituição de elevada credibilidade, em linha com interesses partidários ou ideologias políticas quaisquer que sejam. Esta é uma das missões fundamentais da Nova AMB: levar a verdade científica e disseminar informações confiáveis e isentas de quaisquer conflitos de interesse. Por outro lado, cobraremos do governo que as ações para a prevenção de doenças e tratamentos efetivos sejam tempestivamente implantados. O Estado, em especial no momento em que vivemos, deve prover os médicos de condições adequadas em segurança e dignas, com condições estruturais e equipamentos de proteção individual, para evitar a contaminação e minimizar as vidas perdidas, que já são muitas nessa pandemia.

COVID-19 EM PAUTA

Fernandes expõe
pensamento da diretoria
sobre o SARS-Cov2



46



PAPEL DO MÉDICO

É IMPRESCINDÍVEL QUE TODOS tenhamos consciência de que o nível de infecção para esse vírus ainda é extremamente alto. Considero falta de cidadania e até de consciência e responsabilidade, as pessoas caminharem pelas ruas, ou particularmente em ambientes fechados, sem o uso de máscaras. É importante que a gente reafirme sempre a questão de higiene sanitária, do distanciamento necessário e do uso de máscaras para minimizar essa situação gravíssima. A orientação tem de partir de nós, médicos, e das autoridades constituídas. É nossa obrigação passar informações baseadas em evidências científicas à imprensa, que faz um trabalho relevante em transmitir conceitos e esclarecimentos sobre medidas sanitárias aos cidadãos. Devemos repetir com frequência, para que não saia da percepção nítida: o vírus não foi embora, o vírus está presente.

OS MÉDICOS PRECISAM TRABALHAR EM CAMPANHAS DE ORIENTAÇÃO E TAMBÉM PARA DESMENTIR AS *FAKE NEWS*

VACINAS

Iniciamos a vacinação contra o coronavírus. É um passo importante para a saúde da população. Ocorre que precisamos de celeridade nesse processo. Por enquanto, o número de vacinados é ínfimo. Sem falar que demorará um tempo bastante longo para chegarmos a algo próximo do ideal, para alcançar a chamada imunidade coletiva. Enquanto isso, mesmo as pessoas vacinadas precisam continuar se protegendo para, eventualmente, não contaminarem pessoas ainda não imunizadas e até mesmo para não acabarem contaminadas. Vale lembrar que a efetividade das vacinas é alta, mas não é de 100%. Existe a possibilidade de um indivíduo, mesmo vacinado, se contaminar. A possibilidade é pequena, só que real. Relevante é que casos mais graves de COVID-19 praticamente inexistem entre os vacinados. De qualquer forma, as medidas sanitárias e de isolamento social têm de prevalecer.

TRANSMISSÃO

É público que um facilitador de contaminação entre pessoas é a aglomeração. Quanto mais próximas estiverem, particularmente se não usando equipamentos de proteção, como máscaras, maior a possibilidade de multiplicação. Em fins de janeiro e fevereiro, recebemos a conta de festas de fim de ano, verão na praia etc. Até porque, nessas épocas, as famílias normalmente se juntam. Outro problema é que muitos cidadãos estão relaxando os métodos de prevenção, cansados após um ano estressante e de medo. Mas não pode. É essencial permanecer em guarda contra o coronavírus. Os médicos precisamos trabalhar em campanhas de orientação e, também, para desmentir as fake news e para combater a irresponsabilidade de pessoas públicas que pregam contra as máscaras, contra distanciamento social, que dizem que não vivemos uma situação séria e preocupante.

RAMB

NADA MENOS DO QUE EXCELÊNCIA

48

—
Colaboração, transparência e globalização: esses são os pilares da Revista da Associação Médica Brasileira, agora coordenada pelo editor-chefe Renato Deláscio Lopes





Formado em Medicina em 2001, Renato Lopes realizou seu treinamento clínico e doutorado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e logo decidiu internacionalizar a carreira. Em 2007, realizou pós-doutorado na *Duke University* e obteve *Master Degree in Health Science in Clinical Research*, pela mesma instituição.

Após finalizar o programa de fellowship em Cardiologia, ele se tornou full professor de Medicina na Divisão de Cardiologia da Duke. Também se consolidou em terras estadunidenses como diretor do Departamento de Validação de Eventos Clínicos (CEC) e diretor associado do Programa de *Fellowship* do *Duke Clinical Research Institute* (DCRI).

No âmbito nacional, é professor livre-docente de Cardiologia da Escola Paulista de Medicina (EPM), orientador do programa de pós-graduação das disciplinas de Cardiologia e Medicina Translacional da Unifesp, além de fundador e diretor executivo do Instituto Brasileiro de Pesquisa Clínica (BCRI) e do Centro Brasileiro de Saúde Global da EPM da Unifesp.

Em meio a sua rotina agitada, dividida entre Brasil e Estados Unidos, Renato Lopes guarda espaço para a pesquisa científica. Com atuação invejável, já soma mais de 530 publicações em periódicos científicos, incluindo os de altíssimo índice de impacto, como *New England Journal of Medicine* (NEJM), *The Lancet*, *Journal of the American Medical Association* (JAMA), *British Medical Journal* (BMJ), *Journal of American College of Cardiology*, *Circulation* e *European Heart Journal*.

No decorrer de anos recentes, além de orientar alunos de pós-graduação e liderar ensaios clínicos multicêntricos internacionais, Renato trouxe ao Brasil mais de dez importantes estudos, os quais liderou como coordenador nacional.

50

Credenciado por expertise e capacidade incontestáveis no desenvolvimento de ensino e pesquisa científica, neste momento, é co-editor chefe da Revista Brasileira de Clínica Médica, editor associado do *American Heart Journal*, membro do seletor corpo editorial do *JAMA Cardiology* e, finalmente, o novo editor-chefe da RAMB.

“HOJE, O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E OS DESAFIOS DAS REVISTAS CIENTÍFICAS EXIGEM PILARES CENTRAIS, COMO A COLABORAÇÃO, A TRANSPARÊNCIA E A GLOBALIZAÇÃO”





O QUE ESPERAR DA NOVA RAMB

Renato Lopes revela-se honrado por receber o convite da AMB para colaborar com a RAMB. Ele conhece bem a publicação, assim como, os profissionais envolvidos na produção. Compreende que a RAMB possui potencial gigantesco de crescimento e se diz feliz pela oportunidade de editá-la.

As portas, certamente, se abriram pelo fato de ele, mesmo determinado a fortalecer sua carreira internacional, ter mantido trabalho dedicado no Brasil com vistas a estimular o desenvolvimento da pesquisa nacional. Seu foco é elevar o País à posição de destaque no cenário científico mundial, processo esse que agora passa pela RAMB.

“Hoje, o desenvolvimento da ciência e os desafios das revistas científicas exigem pilares centrais, como a colaboração, a transparência e a globalização. Colaboração, porque é preciso democratizar o conhecimento e torná-lo acessível a todos. Transparência, porque tudo que é feito deve ser bem planejado, pelos princípios corretos claramente explicados, para promover oportunidades amplas a todos. E globalização, porque a expertise para gerar conhecimento relevante – que mude a prática clínica diária – está dividida entre várias pessoas e locais do mundo; portanto, precisamos de empreendimento internacional conjunto em prol da Medicina, do doente e da ciência”, pondera. “Necessitamos aproximar a pesquisa clínica

de ponta à assistência aos doentes, gerando respostas rápidas e confiáveis para aplicação imediata à beira do leito, sempre por meio da inovação e do pragmatismo”, complementa.

De acordo com Renato Lopes, assim que esses conceitos-chave estiverem totalmente interligados, a RAMB poderá avançar mais celeremente ao mundo moderno, sendo conceituada como periódico responsável por publicações de alto rigor científico, incentivando especialistas do País e de outros continentes a se envolverem com suas atividades e publicações. Seguindo essa estrada, amadurecerá e contribuirá significativamente para uma nova era da AMB.

O trabalho, é claro, não floresce do dia para a noite. Exige competente sementeira. Para tanto, o editor afirma que buscará a excelência em inserção internacional e operacional, transparência nas atitudes e qualidade técnica-científica. Tudo isso com o apoio da nova Diretoria da AMB que, com poucos meses em atividade, já confirmou sua seriedade e compromisso com a ciência.

“Particularmente no contexto de crise sanitária mundial e da disseminação de inúmeras notícias falsas e artigos científicos de baixa qualidade, é fundamental ter uma revista sólida, que possa ser um ‘porto-seguro’ para a comunidade médica e que garanta a qualidade técnica sem interferência de vieses econômicos, sociais ou políticos-ideológicos”, ressalta.



CANAL ABERTO ÀS ENTIDADES ASSOCIATIVAS

A partir desta edição, o JAMB terá sempre um espaço especial dedicado a notícias das Federadas AMB e das Sociedades de Especialidade Médica. Abastecê-lo requer a interação contínua das áreas de Comunicação de nossas entidades, por meio da troca de informações de assessorias de imprensa, profissionais e diretorias relacionadas etc. Participe, mande novidades e relatos relevantes para o e-mail comunicacaojamb@amb.org.br

AMMG

A ASSOCIAÇÃO MÉDICA de Minas Gerais (AMMG) abriu espaço para o presidente da AMB, César Eduardo Fernandes, e outros membros da nova gestão, em recente reunião semanal de sua diretoria. Em pauta, caminhos diferenciados para a AMB, além da relevância da união das entidades, tanto em nível regional quanto nacional.

Houve apresentação detalhada sobre a AMMG, inclusive pontuando novas ações e propostas em andamento. César Fernandes, em seguida, expôs os planos da AMB, destacando a importância das federadas no processo.

Muitos pensamentos comuns surgiram. Entre eles, a necessidade do fortalecimento do associativismo.

Para atingir esse objetivo, o presidente da AMMG, Fábio Guerra, destaca a urgência de um trabalho conjunto de comunicação para ampliar a visibilidade dos pleitos em prol de médicos e de uma saúde qualificada aos cidadãos.

“Nossas iniciativas, por vezes, não chegam ao médico da forma como deveriam. Precisamos melhores instrumentos para falar com eles e para ouvi-los – em especial os jovens, que não têm conhecimento acumulado do associativismo e de o quanto é determinante para sua formação profissional. Essa troca de informação é indispensável”, destaca.

Outro ponto discutido foi sustentabilidade das federadas e

da própria AMB. A conclusão é a de que organizar um sistema de inter-relacionamento pode diluir custos de forma geral e ampliar oportunidades, com a contratação de consultorias comuns e outros serviços, por exemplo.

A AMMG sugeriu ainda o compartilhamento de ações locais entre todas as Federadas, com vistas a otimizar experiências.

“Foi um primeiro encontro bem proveitoso”, comenta Fábio Guerra. “Faremos um detalhamento de iniciativas financeiras, políticas e educacionais em outras conversas conjuntas. “Cada representante em sua competência perseguindo um objetivo único: a potencialização do associativismo”.



ANESTESIOLOGIA

EM 1º DE MARÇO, a Associação Médica Brasileira divulgou nota de apoio à Sociedade Brasileira de Anestesia Regional do Rio de Janeiro, tendo em vista a decisão unilateral da AMIL de vetar remuneração a anesthesiologistas não credenciados por sua rede própria. Dia 16 de março, em reunião com a SAERJ, a Amil reavaliou sua posição, conforme solicitado pelos médicos. Também se dispôs a não mais levar adiante a ideia de desmembrar equipes cirúrgicas.



ACUPUNTURA

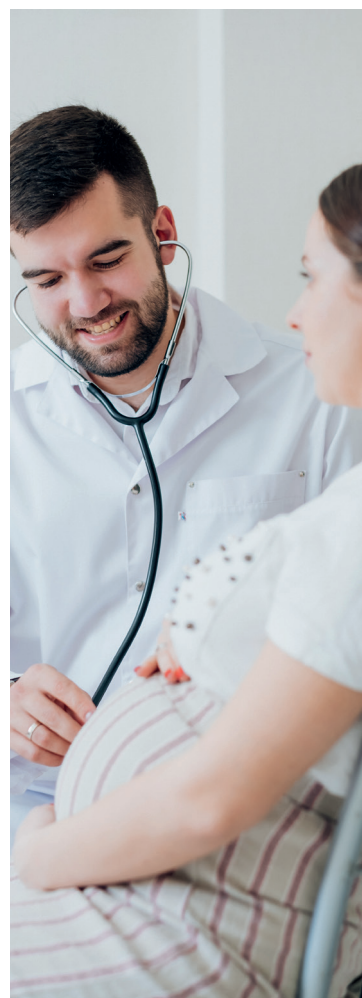
JUNTAMENTE COM O Colégio Médico Brasileiro de Acupuntura (CMBA), a Associação Médica Brasileira (AMB) divulgou manifesto, em 12 de fevereiro, posicionando-se contrariamente à realização da acupuntura por nutricionistas. A possibilidade foi definida pela Resolução nº 681 do Conselho Federal de Nutrição e vai completamente na contramão da Lei do Ato Médico. A AMB trabalha pela anulação da decisão.



GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

A FEDERAÇÃO BRASILEIRA das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) e a AMB manifestaram-se à Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) quanto ao acompanhamento pré-natal por enfermagem obstetra ou obstetrix, ressaltando o retrocesso e o desrespeito às atribuições competentes a cada profissional da saúde.

Com base em argumentos técnicos e científicos, a AMB e a Febrasgo colocam-se a favor da integralidade da Lei do Ato Médico e da tomada de decisões seguras à saúde das pacientes e de seus bebês.



ENDOSCOPIA DIGESTIVA

COM VISTAS À CONSCIENTIZAÇÃO dos cidadãos quanto à importância da prevenção do câncer colorretal, a Associação Médica Brasileira (AMB) se une à Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva (SOBED) na “Campanha Março Azul”. É uma ação relevante para difundir informações sobre prevenção, rastreamento e tratamento da doença, a qual possui altos índices de incidência e mortalidade entre a população brasileira e mundial.



PANAMERICANA

A FEDERAÇÃO PANAMERICANA e Ibérica de Medicina Crítica e Terapia Intensiva (FEPIMCTI), com apoio da Associação Médica Brasileira (AMB), lançou em março manifesto às autoridades com poder decisório em prol do bem-estar dos profissionais da Saúde e por segurança na assistência às vítimas da pandemia de COVID-19.

Entre os pontos de destaque do documento estão: necessidade de utilizar as melhores evidências científicas disponíveis como base nas resoluções políticas; urgência em fortalecer o sistema de saúde; obrigatoriedade da participação de especialistas nas discussões de estratégias; disseminação de informações realistas e confiáveis; proteção contra a agressão a profissionais da Saúde; e zelo pelo equilíbrio emocional.

URGENTE

COMITÊ EXTRAORDINÁRIO DE MONITORAMENTO COVID-19

PREVINA-SE E FALE COM SEU PACIENTE

1. A vacinação em massa, para todas as pessoas, é a medida ideal para controlarmos a velocidade de propagação do vírus. Entretanto, é impossível afirmar, nesse instante, em que momento isso ocorrerá.
2. Diante de tal quadro, o distanciamento social, com a menor circulação possível de pessoas, é conduta essencial para conter a propagação viral.
3. A conscientização e a atitude cidadã devem prevalecer sobre quaisquer outros aspectos e as regras preventivas seguidas à risca:
 - A. Uso correto de máscara - sempre.
 - B. Distanciamento social.
 - C. Evitar aglomerações.
 - D. Manter o ambiente bem ventilado e higienizando.
 - E. Ficar em isolamento respiratório assim que houver suspeita de COVID-19.
 - F. Higienizar frequentemente as mãos, com água e sabão ou álcool gel a 70%.

Faz pouco mais de um ano, o Brasil registrava a primeira morte pelo vírus SARS-Cov-2, era março de 2020. Aos 9 de maio, marcávamos 10.000 vidas perdidas no embate com o novo coronavírus no país. Um mês após, mais um registro assustador: 1 milhão de infectados. Chegamos a 100.000 mortes em agosto de 2020 e a 200.000, cinco meses depois, em janeiro de 2021.

De janeiro para cá, passados três meses, os números de infectados e os de mortes explodiram em direção aos 400.000 óbitos. Os casos no País já estão nos 13 milhões.

A progressão exponencial da epidemia evidencia insuficiências na rede de saúde. A realidade é que não há leitos em quantidade necessária para fazer frente à elevação vertiginosa da demanda; os profissionais de saúde, entre os quais, os médicos, chegaram à exaustão.

É nosso mais grave momento dessa emergência em saúde coletiva. A COVID-19 se mantém em ascensão

e todos os números e carências tendem a piorar, se não houver uma resposta firme e coordenada.

Diante deste quadro, foi criado, em 15 de março, o Comitê Extraordinário de Monitoramento COVID-19 (CEM COVID_AMB), composto pela Associação Médica Brasileira, com federadas estaduais e um conjunto de sociedades de especialidades do País.

O CEM funcionará em regime permanente, enquanto durar a crise. Tem um núcleo executivo formado por médicos com legítima autoridade no campo da prevenção e da atenção aos pacientes acometidos pela doença.

A meta é monitorar permanentemente a pandemia em todo o território nacional e as ações dos órgãos responsáveis pela saúde pública, com o intuito de consolidar informações e, a partir de cenários atualizados, transmitir orientações periódicas de conduta para cuidados e prevenção aos cidadãos e aos profissionais da Medicina.



Foto: Leopoldo Silva/Agência Senado

QUERIAM TIRAR DINHEIRO DA SAÚDE. PERDERAM!!!

—
Coesão e pressão da AMB, entidades coirmãs e médicos, desaprovação no Senado, além da reação dos cidadãos, barraram propositura que poderia causar mais doença e mortes entre os brasileiros

59

Já ao término de fevereiro, todos os brasileiros que zelam por qualidade e resolubilidade do Sistema Único de Saúde (SUS) registraram importante vitória política. Entre eles, os médicos e suas entidades, como a Associação Médica Brasileira, a Sociedade Brasileira de Pediatria, as Federadas da AMB e o conjunto das especialidades.

Encerrando uma queda de braço com direito a notas públicas em defesa do SUS e por assistência digna aos cidadãos, articulações políticas, pressão dos cidadãos, o senador Márcio Bittar (MDB-AC) anunciou a retirada do corpo da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) Emergencial – da qual é relator – de artigo que previa o fim dos gastos mínimos em saúde e educação.

FALANDO AOS BRASILEIROS

Dias antes desse desfecho, a AMB divulgara aos brasileiros – fazendo chegar em especial à imprensa, aos políticos de todas as esferas e às instituições da sociedade civil – sua discordância aos enxertos do senador Márcio Bittar (MDB/AC) ao texto da PEC Emergencial. Veja trecho da nota oficial veiculada na oportunidade:

“Faz anos, o Brasil sofre com a insuficiência de recursos no Sistema Único de Saúde, o que está evidenciado especialmente nesses tempos de COVID-19. Hospitais públicos sucateados, falta de leitos, de respiradores, de medicamentos e de equipamentos de proteção individual a médicos e profissionais de saúde são regra em todas as regiões do País. Se vivêssemos dias de normalidade, a proposta já seria um atentado contra as necessidades de assistência dos brasileiros. Na atual conjuntura, é bomba-relógio que falta para explodir o rastro de óbitos da pandemia de SARS-CoV-2”.

A Sociedade Brasileira de Pediatria também foi firme em seu repúdio, ressaltando ainda as perdas para a Educação. É que a desvinculação de recursos, como queria Márcio Bittar, inviabilizaria, por exemplo, a emenda constitucional do Fundo de Manutenção e Desenvolvimen-

to da Educação Básica (Fundeb), sancionada em 28 de dezembro.

Pior: na prática, equivaleria à semeadura de um Brasil frágil em conhecimento e cultura, o que também implica debilidade na saúde, perda de autonomia, de riqueza e mais uma série de prejuízos irreparáveis.

“Todo o País está aliviado e de parabéns pela batalha ultrapassada. A Nova AMB entende que, da parte dos médicos, foi essencial a unidade das entidades, algo que defendemos desde sempre”, comenta César Eduardo Fernandes, presidente. “Mas não nos enganemos. Haverá outros tantos desafios e enfrentamentos logo. É hora de sintonizar as nossas representações, alinharmos todos, criando um bunker inviolável para sustentar posições em prol da saúde, da medicina, dos médicos e dos pacientes. Em outra frente, vamos buscar o que é nosso direito”.



LINHAS DIRETAS PARA DENÚNCIAS

A **NOVA AMB ESTÁ** e estará invariavelmente próxima de todos os médicos do País e das entidades coirmãs, apoiando-os nos pleitos significantes para a valorização da classe.

CANAL MÉDICO

Com essa meta, lançamos agora dois novos canais de interface com a Defesa Profissional. Um é exclusivo para você, associado e médico. É denominado de **A voz do médico**, estando acessível pelo link amb.org.br/defesaprofissional.

Funciona 24 horas ao dia, para recebimento das demandas e encaminhamento às áreas adequadas.

Participe com denúncias ou ideias sobre as prioridades do médico no dia a dia; movimentos de médicos públicos e no campo suplementar; valorização profissional; remuneração; defesa da dignidade dos especialistas; atualizações discutidas na CBHPM; projetos de lei em andamento no Congresso Nacional; pareceres do Conselho Federal de Medicina e atuação da AMB em todo o cenário médico no Brasil, entre outras questões.

CANAL ENTIDADES

A segunda linha direta é para a comunicação sobre defesa profissional do médico: é exclusiva para as Federadas de todo o Brasil e as Sociedades de Especialidade Médica.

A meta, igualmente, é agilizar a troca de informações e o encaminhamento das demandas dos médicos tanto na área pública quando suplementar. Para inscrever sua entidade no canal exclusivo, acesse o link amb.org.br/defesaprofissional e preencha o cadastro.

A hora é de trabalhar junto, muito, e fazer diferente, melhor. Sua luta é nossa luta.



62

ENCONTROS DE REGIONAIS

MAIS ESPAÇO, AUTONOMIA E VOZ PARA AS FEDERADAS

Sustentabilidade, representatividade, união e transparência são prioridades na Nova AMB. Com a meta de recompor a unidade dos médicos em bases sólidas, a diretoria tem realizado uma série de reuniões virtuais para estreitar as relações com as Federadas e criar pautas comuns em questões gerais e outras especificamente focadas em apoiar demandas locais/pontuais.

Desde janeiro, em vários encontros, representantes regionais vêm delineando a base de um plano de ação eficiente a cada área do País. Na avaliação de Maria Rita de Souza Mesquita, 1ª. secretária da AMB, é uma oportunidade de as Federadas compartilharem dificuldades, dúvidas e ideias em relação à nova gestão.

“QUEREMOS AS ESTADUAIS CADA VEZ MAIS ROBUSTAS PARA BEM REPRESENTAR OS MÉDICOS DE SUA ÁREA DE ABRANGÊNCIA”

“A partir desses debates, estamos compondo um plano de ação de atuação conjunta visando a soluções de interesse coletivo”, pontua Maria Rita.

Até o momento, os principais pontos em pauta abrangem a avaliação física e administrativa das ações associativas, sociais, científicas e de defesa profissional das Federadas, além do planejamento financeiro. Foram enfatizadas ainda a relação das regionais com a AMB em anos recentes e as expectativas para o triênio.

“Se não há um diagnóstico conjunto, é impossível promover a integração”, argumenta Antônio José Gonçalves, secretário-geral da AMB. “Essa avaliação inicial é indispensável para definirmos, de maneira clara e transparente, medidas sustentáveis para as Federadas, das menores até as mais consolidadas”.

Ele já adianta que todas as federadas AMB seguirão seus trabalhos com autonomia, só que com mais suporte. A Associação Médica Brasileira auxiliará, em termos estruturais e financeiros, as pequenas estaduais, a fim de estimular a integração de médicos. Cursos, webinários e ações de defesa profissional são atividades que merecerão atenção

especial para atrair novos sócios e fortalecer as Federadas.

“Queremos federadas cada vez mais robustas para bem representar os médicos de seus estados. Hoje, a AMB tem em torno de 35 mil sócios, o que é um número pequeno, se comparado à realidade de mais de 550 mil médicos brasileiros. Estamos trabalhando no sentido de aumentar a representatividade no movimento médico”, anuncia Antônio José Gonçalves.

Cada um dos encontros virtuais, teve a participação de três a quatro Federadas – por área. Isso porque, dessa forma, todos os representantes regionais podem trocar impressões para alavancar uma AMB melhor. Com a aproximação, a Diretoria soma vivências e inteligências. A ideia é ter um calendário periódico de reuniões, a fim de manter o canal organizado durante os próximos três anos.

“Uma de nossas principais missões é defender a dignidade profissional do médico e elevar a qualidade da assistência à população. Essas conversas proporcionam um avanço nesse sentido, aperfeiçoando as condições de atendimento do médico em todo o País e, consequentemente, o cuidado com a saúde do povo brasileiro”, pontua Maria Rita de Souza.

UNIÃO DOS MÉDICOS

TODA FORÇA ÀS SOCIEDADES DE ESPECIALIDADES

64



Em regra, a Associação Médica Brasileira sempre valorizou e apoiou o Departamento Científico, composto por 54 sociedades de especialidades e 27 Federadas (uma para cada Estado, além do Distrito Federal). Em anos recentes, contudo, houve dificuldades de todas as ordens, inclusive com algumas sociedades sendo confrontadas por antigos gestores da AMB. O resultado é que justamente no momento de maior crise sanitária da história, o Conselho Científico se viu pouco prestigiado e sem articulação.



Agora, temos uma Nova AMB, encabeçada pelo presidente César Eduardo Fernandes. Para o triênio 2021-2023, a palavra de ordem é “toda força às especialidades”. Inclusive já foram retomadas as tradicionais reuniões do Científico a fim de reorganizar discussões importantes ao presente e futuro da Medicina brasileira.

“Fazemos questão de manter e estimular os encontros em frequência e nível altos. É o fórum no qual todas as principais especialidades podem contribuir com a expertise científica. São pautas imprescindíveis a inovações, procedimentos, tabelas de referência para pagamentos na Medicina Suplementar e até criação ou não de novas áreas de atuação”, destaca dr. José Eduardo Lutaif Dolci, recém-empossado diretor científico da AMB.

Uma prioridade nesse campo é o Projeto Diretrizes. Já a partir dos primeiros debates, foi definido que, ainda na primeira metade do ano, haverá uma diretriz oficial sobre a COVID-19, de consenso. Destinada a todos os médicos brasileiros, abordará as condutas adequadas a atendimento e tratamento de casos assintomáticos, leves, moderados e graves do novo coronavírus.





“SÃO PAUTAS IMPRESCINDÍVEIS: AS INOVAÇÕES, PROCEDIMENTOS, TABELAS DE REFERÊNCIA PARA PAGAMENTOS NA MEDICINA SUPLEMENTAR E ATÉ A CRIAÇÃO OU NÃO DE NOVAS ÁREAS DE ATUAÇÃO”

“O resultado servirá de referência. Com a ajuda de todas as especialidades envolvidas no assunto, forneceremos orientações seguras do ponto de vista científico ao conjunto da Medicina”, pontua o dr. Dolci. Ele comenta que o esclarecimento de todas as questões específicas que hoje suscitam dúvidas são fundamentais para a sustentação pública da AMB. “Nós somos 100% baseados na ciência. Isso para o benefício dos pacientes e, é claro, em prol da melhor prática. Somos responsáveis por dar respaldo às decisões relacionadas à saúde e à vida. É preciso ser sério e acabar com os achismos e oportunismos”.

Os encontros do Departamento Científico acontecerão - no mínimo - de três em três meses. Também avaliarão sugestões para a Revista da Associação Médica Brasileira (RAMB) e ao próprio JAMB.

“A Medicina e as sociedades de especialidade evoluíram sobremaneira ao longo da segunda metade do século passado. Cada uma delas é pura Ciência, com luz, força e vida próprias, tanto no sentido da realização de ações quanto em mecanismos internos e métodos de educação continuada”, ressalta o presidente César Eduardo Fernandes. “São fundamentais para o crescimento profissional dos médicos, para assistência de qualidade dos cidadãos. Trata-se de um movimento de crescimento mútuo: todos progridem, assim, em conhecimento, representatividade e em poder de intervenção nas políticas públicas. Trazem benefício ao conjunto e aos pacientes. Daí, fica bem claro o motivo de elas serem a voz da AMB em seus campos de saber. Isso é Ciência, a base da Medicina”.



Rua São Carlos do Pinhal, 324
- Bela Vista São Paulo/SP



11 3178-6800



/AMBoficial



@amb_oficial